

O FRACASSO ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE: O INFANTIL COM(O) OBJETO

Autora: Renally Xavier de Melo

Universidade Federal da Paraíba – UFPB
Pós Graduação em Educação - PPGE
e-mail: renallyxavier@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo visa problematizar o fenômeno do fracasso escolar tomando como base para a discussão uma articulação de dois campos de saber, a sociologia de Nobert Elias e o saber psicanalítico de Sigmund Freud. Para tanto refletimos sobre a atual condição da criança frente às novas normas sociais, que incidem na forma como o saber é transmitido no processo de escolarização das crianças. Essa nova norma impõe um controle, onde o que foge dos padrões impostos socialmente acaba sendo segregado em patologias. Essa dinâmica aponta para uma condição de objeto da criança frente ao outro social, que comumente impõem a ela formas de ser que lhe são exteriores, muitas vezes obturando sua condição de sujeito. Buscamos também problematizar atual política da educação brasileira que visa a inclusão de todos no espaço escolar, porém, o fator subjetivo frequentemente não é levado em consideração, abrindo espaço para a exclusão. Sobretudo quando a percepção acerca da infância muda a partir da alteração dos meios de produção acabando por influenciar o contexto escolar, além, da inserção de diversos saberes que são exteriores ao campo pedagógico, como o saber psiquiátrico e psicológico e psicanalítico. Ao trazermos esses saberes fazemos uma digressão histórica na forma como os mesmos buscam uma nosologia e uma terapêutica para infância. Inferindo acerca das contribuições da teoria psicanalítica para pensar o desenvolvimento psíquico na infância, bem como, a teoria das pulsões que nos possibilita questionar a condição de objeto e o uso dos objetos por parte da criança. Concluímos então que a contribuição do saber psicanalítico junto ao contexto educacional pode promover formas de resignificação da criança junto com o objeto de saber.

PALAVRAS-CHAVES: Infância, fracasso escolar, objeto, segregação, Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca problematizar o fenômeno do fracasso escolar junto do conceito de infantil no atual cenário da educação brasileira, já que na atualidade a política educacional de nosso país a visa ser inclusiva.

Assim interrogamos como o singular de cada um pode contribuir na formação do laço social no cenário da escola, bem como a relação entre os indivíduos e a sociedade contribui para o aparecimento do mal estar no processo de civilização. Essa discussão se justifica na medida em que a escola é composta por várias individualidades que se interconectam formando uma teia de interdependência, porém por vezes essa característica singular fica de fora do processo educativo, na medida em o mesmo objetiva uma padronização de comportamentos e aprendizagens.

Ou seja, uma criança que não consegue desenvolver suas habilidades de modo semelhante aos demais do grupo é frequentemente nomeada na atualidade com psicopatologias ou déficits

,discalculia, dislexia, TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), autismo entre outras, o que acaba por as segregarem no cenário educacional. Esse fenômeno da patologização da infância será refletido a partir das próprias figurações entre os atores que fazem parte do processo educativo sejam eles alunos ou professores.

METODOLOGIA

Como metodologia para este artigo, fizemos uma revisão da literatura para investigar a atual figuração da infância no contexto escolar, para tanto buscamos uma articulação dos campos de saber da sociologia de Nobert Elias e a teoria psicanalítica de Sigmund Freud, visando ampliar e desnaturalizar a compreensão do fracasso escolar e como este tem sido pensado a partir da incidência do discurso científico junto ao saber pedagógico .

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A INFÂNCIA E O NOSSO TEMPO

Segundo Ariès (1986), o conceito da infância nem sempre foi pensado da forma como o compreendemos na atualidade, o seu surgimento só foi possível no período que corresponde entre os séculos XIV e XVI. Nesse mesmo contexto histórico teremos o nascimento de outra definição de fundamental importância para se pensar a modernidade que é o de vida privada. Entretanto é só no século XVIII que percepção da infância será compreendida a partir de uma lógica religiosa, sendo caracterizada como algo angelical, onde a infância será associada a figura do menino Jesus.

A partir da privatização da família que foi proposta na modernidade teremos também a terceirização da infância. Ou seja, nesse movimento de interiorização da vida, a infância sairá do privado para o público na medida em que as crianças serão inseridas em instituições de ensino responsáveis por socializar e educar os indivíduos.

Cabe ressaltar nesse contexto histórico que a escola passa a ter importância junto ao processo de acompanhamento e do desenvolvimento infantil, onde esta não só terá a função de socializar as pessoas que estão inseridas na instituição, mais terá também a função de desenvolver as aptidões das crianças.

Nesse sentido, são os educadores do século XVII que irão desenvolver a representação da criança como um ser indefeso, frágil e inocente. Pois até então as crianças recebiam o mesmo tratamento que as prostitutas, loucos e pobres, ou seja, estavam sujeitas ao enclausuramento, onde as mesmas ficavam segregadas, não tendo funções específicas na vida em sociedade (Ariès, 1986).

Isto posto, ao problematizar a infância e a educação não o podemos fazer sem pensar na função ideológica que a mesma tem diante da formação das pessoas. Nesse processo de formação onde a criança será entendida como um adulto em potencial, teremos a relação do adulto para com a criança sendo exercida a partir de uma lógica em que fica evidente, onde a criança será reconhecida com um papel social porém a margem do adulto.

Após o período da criação de instituições escolares, teremos um outro momento histórico onde a imagem da infância será articulada a imagem do adulto, que é o período da industrialização, onde o sujeito infantil será pensado como um adulto em potencial, e a educação ganha fins produtivos, em que a finalidade do processo educativo se articulará ao processo de produção vigente, ou seja, desenvolver a criança para se tornar um adulto que possa ofertar mão de obra qualificada para o sistema de produção vigente.

Desse modo compreendemos a função da escola na configuração dos indivíduos na sociedade. Segundo Costa e Endo (2014) ao fazer referência a sociologia processual de Norbert Elias a relação entre indivíduo e sociedade se dá a partir de uma continuidade diferenciada, em que ambos são considerados como faces de uma mesma estrutura.

É preciso considerar que nessa relação entre indivíduo e sociedade, só é possível na medida em que há uma perda é inscrita, essa castração tem haver com as normas sociais as quais os indivíduos são submetidos, nela teremos uma perda de satisfação pulsional, na medida em que o sujeito se insere simbolicamente na lei. Os objetos da pulsão precisam ser recalcados da esfera privada para circularem simbolicamente na esfera pública.

O processo civilizador é uma intervenção de transmissão das normas culturais, possibilitando a assimilação das mesmas pelo indivíduo. Desse modo, o sujeito se inscreve a partir de uma lógica simbólica, essa operação vai possibilitar uma continuidade relacional entre a esfera privada e pública. Assim, a inserção do sujeito no social, se relaciona diretamente ao processo de castração, desta forma, o sujeito abre mão do seu modo de satisfação pulsional para fazer uma articulação como as normas sociais.

Para a psicanálise a infância é o momento do desenvolvimento psíquico, onde, o sujeito se estrutura frente ao desejo do outro, ou seja, na infância teremos o sujeito passando pelo processo de introjeção da lei. Porém é nesse espaço entre indivíduo e sociedade que podemos pensar a produção cultural, ou seja, o saber (COSTA; ENDO, 2014).



Ao passo que a infância passa a ser definida, a mesma passa a ser padronizada a partir dos ideais civilizatórios de sua época, desse modo, ao focar nas normas posta a infância, acabamos por perceber os ideais que são coletivos. Segundo Laurent (2013) problematiza o controle da criança como sendo um conjunto particular de procedimentos que resulta na etiquetagem patológica das crianças e adolescentes no contexto contemporâneo.

Assim, a infância de nosso tempo denuncia a forma de laço social de nossa época marcada pela solidão, estando articulada ao individualismo de massa. As telas sejam elas as televisivas, ou da internet são usadas cada vez mais pelas crianças e adolescentes o uso excessivo, denuncia uma nova forma de fazer laço social, que aponta para um gozo autista. Nessa nova lógica a tela passa a fazer parte de uma dinâmica de dependência.

Essa nova configuração diante do objeto, onde a satisfação passa a ser quase de forma imediata acaba por revelar que entre a oferta e a demanda, quem fica como objeto é a criança. Diante da atual condição de objeto da criança o autor nos aponta a inserção do discurso da ciência desde a sua concepção sendo assistida, inserida em uma lógica que transforma tudo em produto (Laurent, 2013).

Ao transformar a criança em um produto, nessa escala de produção em massa surge à exigência de ofertar uma mercadoria sem defeitos, o que produz um efeito enlouquecedor em que se busca inventar novas regras para garantir um controle de qualidade, cada vez mais exigente e superegoíco, e essa lógica não escapa ao discurso educacional.

É preciso considerar que contemporaneidade convoca o saber psicanalítico a pensar sobre as novas formas de inscrição do desejo para com a criança. Ao passo que a criança ao ser excessivamente controlada pelo discurso da ciência nos revela uma nova lógica de sua relação com o outro social. Desse modo, pensamos que nessa relação da criança como objeto de controle, ela se torna também um órgão de controle na medida em que a criança revela as práticas de seus pais, e que, os altos índices de diagnósticos nessa faixa etária acabar por revelar a tentativa desse controle.

A criança contemporânea fica segregada no saber científico. Na obra de Nobeit Elias *A solidão dos moribundos*, (2001) teremos uma argumentação acerca da relação social com os doentes, a ideia central que o sociólogo apresenta é da necessidade de se segregar os doentes, como uma forma de defesa diante do próprio conhecimento da morte de si, revelada pelo semelhante que se encontra moribundo.



Compreendemos que criança acaba por revelar ao adulto, algo que ele não suporta de seu próprio gozo. A contemporaneidade tem segregado a infância nas mais diversas patologias, onde precisamos refletir sobre as consequências desse fenômeno frente a subjetividade infantil. De modo que ao alterar percepção social da criança, teremos uma mudança da representação de si, frente a uma lógica de produção e de excessivo controle que acaba por lançar a criança para uma realidade sem sentido.

A INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO E EXCLUSÃO

A Política Educacional Brasileira especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008) em como norte ofertar “uma educação para todos”, ou seja, todas as pessoas em idade escolar devem fazer parte da escola. Incluir a todos é inserir as mais variadas formas de ser e estar no mundo junto ao contexto escolar, ou seja, se faz necessário incluir as distintas formas de diferenças culturais, étnicas, de crença, de gênero, assim como as diversas formas de deficiências intelectuais morais ou físicas (ASSIS; SANTIAGO, 2015).

Como pensar a lógica de um processo de ensino e aprendizagem que leve em consideração a subjetividade dos alunos e professores e demais responsáveis por gerir este processo, tendo em vista, que não podemos pensar esse processo de forma unilateral, mas como um processo dinâmico e relacional, capaz de produzir transformação a todos que fazem parte do mesmo.

Pensar o processo educacional sem levar em consideração o singular dos sujeitos, pode levar o ideal igualitário a um extremo em que ao invés de promover a inclusão, produzirá o seu avesso que é a segregação. Desse modo, inferimos que os saber psicanalítico pode contribuir para pensar o processo educacional e a sua relação com a subjetividade humanas.

Nesse sentido, a Psicanálise pode ser uma aposta para a compreensão do saber-fazer no processo de escolarização. Desde a sua origem o saber psicanalítico surge como uma forma de escutar aquilo que o saber tradicional, o saber médico, não conseguia intervir, a saber, as históricas. A partir da escuta da neurose surge o método da livre associação, como uma forma de escutar o sofrimento das pessoas do início do século XIX.

Desse modo, pensar a partir de uma ótica psicanalítica o sujeito que escapa ao processo de escolarização. É refletir como se dá a influência da subjetividade e dos fenômenos do inconsciente,

naqueles que não consegue estar inseridos da forma padronizada no processo, sejam por questões de aprendizagem, seja por questões que levem em consideração o relacionamento com o outro.

As reclamações diante o contexto educacional frente aos que fracassam no processo são várias, muitas vezes justificadas em diagnósticos como os de dislexia, discalculia, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). As queixas diante do cenário escolar são constantes, não apenas naquilo que tangencia o saber em si, mas também as habilidades sociais entre os atores do processo. Desse modo, pensar essas relações sobretudo, as relações de poder entre alunos e professores. Diante dessas queixas é preciso considerar, a subjetividade dos professores diante das representações criadas para com os alunos e como elas se relacionam entre si.

Ao pensar o fracasso escolar não o podemos fazer sem pensar a realidade em torno da criança, seja esta, social, familiar e ou relacional entre os pares na instituição, ao considerar uma produção sintomática (o sintoma da psicanálise se diferencia da medicina) o que levamos em consideração é que o sujeito que sofre tem um saber sobre o seu próprio mal estar.

O SABER A CIÊNCIA E A INFÂNCIA

A problemática do fracasso escolar envolve diversos fatores, que precisam ser pensados a partir de uma contextualização do discurso científico que aborda a compreensão do comportamento patológico humano, em especial aqueles que tangenciam uma compreensão sobre o desenvolvimento mental infantil.

Segundo Santiago (2005), ao fazer uma digressão histórica, nas escolas psiquiátricas e psicológicas que abordam a infância. A autora nos traz a ideia de que o termo “debilidade” comumente está relacionado a uma ideia de déficit, onde o comportamento do sujeito fica dividido entre normal e patológico.

Essa representação de debilidade como sinônimo de déficit, estaria relacionada com o próprio percurso teórico em torno do tema, onde a debilidade estaria relacionada com a insuficiência mental, e o ato de aprender estaria vinculado ao fato da criança ter uma habilidade orgânica, ou seja, uma habilidade inata a si.

Nesse sentido, a psicometria vem ratificar e categorizar a inteligência em escala, dando ao mental uma qualificação objetiva, ou seja, a criança estaria organicamente apta ou inapta ao processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, cabe ressaltar que de algum modo essa compreensão sobre o organismo humano pode contribuir ao saber educacional, sobretudo em uma corrente mais humanista da psiquiatria, que visava recuperar os sujeitos alienados, tendo como foco uma educação especializada.

Mas, é somente no século XX, que a psiquiatria infantil se torna uma categoria clínica, nesse momento teremos no trabalho de Phillipe Pinel, alienista francês, uma descrição do idiotismo, como uma forma de alienação mental.

Segundo Santiago(2005) *apud* Pinel, a alienação mental é uma patologia que produz distúrbios das funções intelectuais, nesse tipo de distúrbio teremos dois tipos etiológicos: abolição da função e perturbação da função do sistema nervoso central. Para este autor teremos uma classificação nosográfica no campo do comportamento, de modo que em sua obra teremos disfunções da seguinte forma: melancolia, mania, demência, idiotismo.

Posteriormente ao trabalho de Pinel, teremos a contribuição de Esquirol, sobre a noção de debilidade incorporada a fraqueza psíquica. Cabe ressaltar que a importância da obra de Esquirol, é estabelecer uma separação entre aquilo que é de ordem da fraqueza psíquica e o que é do campo do desenvolvimento mental.

Em seguida teremos as contribuições de Valetin Magnan, a importância do trabalho deste refere-se ao fato dele acrescentar a nosologia psiquiátrica a classificação das loucuras degenerativas as formas de retardo mental e os distúrbios de caráter de personalidade, tendo dois grandes grupos: psicose e loucuras dos hereditários degenerados (idiotia, imbecilidade, debilidade mental, anomalias cerebrais, síndromes episódicas e delírios propriamente ditos), para este autor o débil recebe o estigma de não possuir atributos morais.

Posteriormente, teremos a contribuição da obra de Émil Kraepelin, *Tratado de psiquiatria*, essa obra sofre alterações, entretanto nela teremos um quadro nosográfico das psicoses crônicas dividido em psicoses maníacos-depressivas e demência precoce. Nas primeiras edições do tratado teremos a ideia de que debilidade mental está no interior dos estados de fraquezas psíquicas, posteriormente acrescentado a debilidade teremos uma caracterização da mesma, a partir de uma

lógica evolutiva, ou seja, é possível pensar a alteração no quadro clínico, se é possível pensar em avanços na patologia há uma possibilidade de uma terapêutica.

Segundo Santiago (2005), teremos uma abordagem mais positiva da idiotia adquirida, que serão os especialistas da psiquiatria infantil, com nomes de destaque Édouard Seguin e Félix Voisin, a importância desses autores apesar de reconhecerem a debilidade mental, vão propor a reversão do quadro, desde que a criança seja submetida desde cedo aos procedimentos educativos, isto posto teremos um enfoque terapêutico, onde será palco para o surgimento dos discursos de uma prática pedagógica adaptativa.

Esse percurso junto ao saber psiquiátrico constitui-se de extrema importância. Para pensar a noção de sociologia processual, proposta por Norbert Elias, o modo como o saber psiquiátrico e psicológico foi tratando as patologias da infância ao longo da história, na medida em que esse discurso científico acaba por influenciar o saber pedagógico, a partir de um ideal sanitário-higienista, cuja ideia central repousa sobre o potencial de inteligência. Desta feita, temos um processo de continuidade entre a nomeação e classificação da debilidade e os testes psicológicos, em que se atestará a inteligência das crianças.

Entretanto, só a partir dos anos 1930-1940, a psiquiatria infantil recorrerá às contribuições psicanalíticas para a compreensão do desenvolvimento infantil, onde a psicopatologia seria resultado de um conflito psíquico.

A PSICANÁLISE E O INFANTIL

O conceito de infantil na Psicanálise deve ser pensado com o próprio conceito que funda a teoria psicanalítica, o inconsciente. Essa articulação de conceitos se dá na medida em que o infantil é considerado como aquilo que não cessa de se inscrever. Pensar a relação entre a psicanálise e a infância diante do fracasso escolar, não podemos fazer sem articular a proposta da teoria das pulsões (FREUD, 1915).

Segundo Santiago (2005) a teoria freudiana não contém uma especificidade sobre uma clínica de inibição intelectual, entretanto ao longo da obra podemos encontrar subsídios para pensar este fenômeno, onde o fracasso escolar pode ser pensado a partir da lógica da inibição intelectual. Cabe ainda destacar que nem todo caso de dificuldade escolar é considerado como sendo uma

demanda de análise. Mas inferimos que uma escuta de cunho analítico pode ofertar um lugar de resignificação da queixa.

Na teoria psicanalítica teremos uma nova forma de pensar a infância, ao infantil da Psicanálise, será atribuída a existência da sexualidade. Essa argumentação freudiana provoca uma reviravolta no modo de pensar a infância, sobretudo naquilo que tangencia o saber pedagógico. Pois até então a infância era considerada, um momento feliz e inocente da existência humana e que toda essa felicidade era perdida, pois o meio corrompia o sujeito. Essa corrupção se daria em um segundo momento da infância onde toda a felicidade infantil seria perturbada, a partir de um ato de injustiça que marcaria a vida da criança.

Segundo Ferreti (2004) ao fazer referência ao pensamento de Rousseau que é considerado um dos principais filósofos do iluminismo, pois na sua obra que teremos a definição do termo infância, como uma das formas de estágio do desenvolvimento humano, ou seja, no período da infância teremos um adulto em potencial. Essa percepção do ser criança se constituiu de extrema importância ao pensamento moderno. Na medida em que temos a ideia de um sujeito dividido, entre o bom e mal. Mas, sobretudo o sujeito que sofre influências do meio do qual ele faz parte.

Essa percepção acerca da infância será de extrema importância para pensar o contexto educacional, pois se tomamos o sujeito tão apenas como um organismo, não existe uma possibilidade de pensar a função máxima da educação que é a transformação. Entretanto se acreditamos que o sujeito nasce com um organismo que interage com o meio que esse corpo sofre influência da cultura, podemos pensar uma sociedade de forma dinâmica e não estática.

É preciso considerar que nem sempre ao longo da história da humanidade a criança era percebida como na atualidade, até a metade do século XVII, a criança não era interessante ao mercado, sendo considerada apenas como uma figura sem razão, entretanto é a partir das considerações do saber pedagógico que teremos uma mudança de perspectiva.

Outra contribuição do pensamento iluminista consiste em trazer a luz do conhecimento ao homem. De modo, que processo educacional deve se prestar a ofertar aquele que participa do mesmo um conhecimento não só de conteúdo mas também de um saber sobre a moral.

Ao apontar as contribuições do pensamento de Rousseau, entendemos que sua contribuição à racionalidade se dá na medida em que só podemos pensar o sujeito da Psicanálise a partir do sujeito da racionalidade do discurso científico. Pois ao definir o inconsciente, Freud apontava para

algo além da razão que regia o comportamento humano. Se ao sujeito da ciência temos a premissa básica do “penso, logo existo”, para a o saber psicanalítico, “sou onde não penso”, o sujeito é regido pela lógica do inconsciente. Desse modo, foi preciso que houvesse o sujeito da ciência para que a Psicanálise pudesse subvertê-lo.

Freud não apenas iria possibilitar uma nova forma de tratar o sofrimento humano, mas construir um novo saber para pensar o ser humano e a sua relação com o mundo, a partir de uma lógica que subverte o saber científico de sua época.

A partir da escuta das históricas, Freud passa a construir sua teoria, umas das contribuições freudianas para explicar a neurose, constitui em inferir que a sexualidade adulta está baseada na sexualidade infantil, o desejo estaria relacionado, ao recalque. Segundo Ferretti (2004), para Freud, o infantil é isso que não para de trabalhar, ou seja, a criança é aquilo que é refratário ao trabalho.

Ao refletir sobre a importância das pulsões na constituição subjetiva não podemos deixar de lado o texto dos *Três ensaios sobre a sexualidade*, em especial a parte II que aborda a sexualidade infantil. Freud irá propor que a criança por volta da idade de 3 a 5 anos, ao depara-se com as manifestações da sexualidade, nesse momento será inscrita a pulsão de saber, a atividade dessa pulsão ainda que subordinada a sexualidade, se presta a uma forma sublimada de dominação. Diante do encontro com a sexualidade a criança precisa construir hipóteses para a castração. Esse é um ponto de bastante relevância na medida em que teremos nesse período um estado de latência, onde a criança investirá a libido em objetos externos a ela, é nesse instante que teremos o processo de alfabetização.

Freud (1905) considerava que a sexualidade infantil estava relacionada a etiologia da neurose. Essa consideração freudiana acerca da sexualidade infantil nos aponta algo importante, rompendo com a lógica de um pensamento evolutista - naturalista onde a partir da maturação dos órgãos sexuais teríamos a sexualidade consolidada.

O campo da sexualidade tal como Freud o postulou ultrapassa, o genital, ou seja, está para além da finalidade que é a reprodução, mas se encontra sob a égide de uma satisfação que é determinada psiquicamente. Essa relação para além do genital só é possível na medida em que o sujeito se relaciona com os objetos pulsionais, esses objetos não são fixos, mas estabelecem com a pulsão a finalidade de satisfação.

Em seu texto prefácio a uma juventude desorientada, Freud nos aponta que é possível pensar uma aproximação entre o trabalho da psicanálise e trabalho da educação na medida em que ambos operam sobre as pulsões, a educação é um ato em que as pulsões podem ser sublimadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações são pertinentes à compreensão do espaço escolar, na medida em que podemos pensar o sujeito dividido, como um ser pulsional entre a norma social e satisfação pulsão. Freud também nos aponta sobre a impossibilidade do ato de educar, de se fazer política e de analisar. Essa afirmativa freudiana nos indica que algo escapa a educação que é o próprio o infantil.

Entretanto se faz necessário que ao processo educacional, mais do que segregar os que dele fazem parte, colocando o sujeito em uma posição de objeto, o nomeando entre tantas patologias, é preciso fazer uma aposta e ofertar ao sujeito vários objetos para que diante do saber ele seja fisgado pelo desejo de saber. Isso só é possível ao considerar a singularidade dos atores do processo, mas, sobretudo, da implicação dos responsáveis de gerir o mesmo. Fazer uma aposta no sujeito do inconsciente é fazer uma aposta que apesar de algo escapar, o sujeito é capaz de se responsabilizar por sua relação pulsional, que, muitas vezes o faz desaparecer enquanto tal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÍE, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ASSIS, Raquel Martins; SANTIAGO, Ana Lydia. *O que esse menino tem?: sobre os alunos que não aprendem e a intervenção da psicanálise na escola*. Belo Horizonte: Editora Sintoma, 2015.

COSTA, André Oliveira; ENDO. Paulo César Endo. *Corpo, transmissão e processo civilizador: Sigmund Freud e Norbert Elias*. 2014. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v6n2/v6n2a04.pdf>>. Acesso em 17 de janeiro de 2017.

COSTA, André Oliveira; MOSCHEN, Simone Zanon. *Psicanálise e educação paradoxos da alteridade*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n2/v38n2a05.pdf>> . Acesso em 17 de janeiro de 2017.

ELIAS, Nobert; Scotson, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Nobert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERRETTI, Maria Cecília Galletti. *O infantil: Lacan e a modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREUD, Sigmund. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Os instintos e suas vicissitudes (1915)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Prefácio a Juventude Desorientada, de Aichhon (1925)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *Inibições, sintomas e ansiedade (1926[1925])*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *A agressividade em psicanálise*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAURENT, Éric. *O analista cidadão*. In: *A sociedade do sintoma a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2007.

LAURENT, Éric. *As novas inscrições do sofrimento da criança*. In: *A sociedade do sintoma a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 2007.

_____. *A crise do controle da infância*. In: *As crianças falam! e tem o que dizer. Experiência do CIEN no Brasil*. Belo Horizonte: Scriptum, 2013.

MEZÊNCIO, Márcia; SANTIAGO, Ana Lydia. *A psicanálise do hiperativo e do desatento*. Belo Horizonte: Scriptum, 2013.

SANTIAGO, Ana Lydia. *A inibição intelectual na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.